

O EXTRATIVISMO DO PEQUI NA FLONA ARARIPE-APODI



Xilogravura: Adriano Ferreira

MARCOS VINÍCIUS FURTADO GOMES

APRESENTAÇÃO

O presente cordel apresenta-se inicialmente como um produto de tese de doutoramento exigido pelo Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial da Universidade do Estado da Bahia. Esta não era a proposta inicial, porém após inquietações sobre as possibilidades dos produtos finais, a sua abrangência em relação aos muros da acadêmica e o público final atingido, decidi elaborar um cordel após provocações de minha amiga Duda Alves. “Por que tu não elaboras um cordel?”, perguntou. Não a respondi com objetividade, na minha cabeça era um feito improvável mediante a ausência de uma veia artística durante toda minha vida, até então.

Mas aquela pergunta ficou martelando na minha cabeça como uma possibilidade interessante de popularização da ciência, transformando a linguagem técnica em um enredo com uma linguagem regionalizada e de fácil acesso às comunidades não acadêmicas. Minha maior preocupação é que os resultados e discussões da tese de doutorado possa chegar àqueles que possibilitaram a escrita desse trabalho (extrativistas de pequi da Chapada do Araripe) de forma mais proveitosa e dinâmica possível. Mesmo nunca tendo escrito um poema de “futuro” na vida, decidi abraçar esse desafio. Não sei se consegui com muito êxito, mas espero que o sangue de sertanejo cordelista tenha despertado mesmo que por um lapso de tempo.

Como resultado obtive este cordel dividido em duas partes. A primeira denominada “Poéticas Extrativistas: O Pequi e a Floresta Nacional do Araripe-Apodi” equivalente à introdução da tese de doutorado, busquei retratar as

belezas e características regionais do meu campo de pesquisa, a belíssima Chapada do Araripe, unindo ao referencial teórico que se reverbera aqui no cordel como um relato da ausência de participação das comunidades tradicionais no processo gestor e decisório das unidades de conservação e o intenso debate acadêmico entre as diversas formas de conhecimento, principalmente o conhecimento tradicional e científico que muitas vezes são tidos como antagônicos por muitos que compõem o espaço da discussão teórico-científico. Por fim, apresenta-se a segunda parte do cordel com o título “Cultura, Sabor e Sustentabilidade: Boas Práticas no Extrativismo do Pequi na Floresta Nacional do Araripe-Apodi” cuja finalidade é a discussão sobre os impactos socioambientais causados pelo extrativismo predatório do pequi e as boas práticas para um manejo adequado desse fruto.

Esforcei-me ao máximo, nesta ocasião, para me distanciar das métricas acadêmicas, nas quais enfrento consideráveis desafios em me inserir, e para imergir nas métricas cordelistas, nas quais, espero, ter conseguido uma adaptação mais fluída. Desejo que desfrutem e tirem proveito desta brincadeira elaborada por um aventureiro em terras artísticas do sertão cariariense.

Sobre o Autor



Marcos Vinícius Furtado Gomes, é natural de Juazeiro do Norte – CE, cresceu no sopé da Chapada do Araripe, é professor na área das Ciências Ambientais e um profundo admirador das riquezas Naturais e Socioculturais da região do Cariri. Graduou-se em Engenharia Ambiental pelo IFCE, fez mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente na Paraíba pela UFPB, onde atuou junto à comunidade indígena Potiguara e pôde aprofundar mais e conhecer na prática sobre os saberes socioambientais tradicionais. E agora finaliza seu doutorado em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial pela UNEB.

*“Quando nós falamos tagarelando
E escrevemos mal ortografado
Quando nós cantamos desafinando
E dançamos descompassado
Quando nós pintamos borrando
E desenhamos enviesado
Não é por que estamos errando
É porque não fomos colonizados”*

Antônio Bispo dos Santos

Parte 1: Poéticas Extrativistas: O Pequeno e a Floresta Nacional do Araripe-Apodi

Seu doutor preste atenção,
No que agora eu vou falar.
Da região do Cariri,
Interior do Siará¹,
Da Chapada do Araripe,
Um patrimônio Cultural.

Falo pra todo doutor,
Não só o doutor letrado,
Mas pro doutor extrativista,
Com todo seu aprendizado.
Nessa terra de repentista,
Todo conhecimento é validado.

Terra de um povo guerreiro,
Majestoso e soberano.
Que batalha o dia inteiro,
Pro seu pão ir conquistando.
Coletando do pequizeiro,
O seu sustento todo ano.

¹ Segundo o historiador João Brígido, Ceará antigamente se escrevia Siará. A grafia atual vem da corruptela da palavra tupi Siri-Ará, que vem de Siri (=andar para trás) + Ará (=branco). O nosso grande escritor José de Alencar, conhecedor da língua tupi, afirma que Ceará se deriva de Siará, que significa “onde canta a Jandaia”; (Nogueira, 2013)

Na chapada do Araripe,
Há muita diversidade.
Espécie que só tem aqui,
Parece até uma divindade.
Tem janaguba, babaçu e pequi,
Isso é belo de verdade.

O Soldadinho do Araripe,
É uma espécie em extinção.
Um pássaro ameaçado,
No sopé do chapadão.
Com seu topete avermelhado,
Sem a devida proteção

O Oasis do Cariri,
Como é muito conhecido.
Bem no centro do nordeste,
Todo mundo é recebido.
Com água que só a peste,
E um verde exibido.

Mas as nascentes tão secando,
Isso é uma preocupação.
Se continuar desmatando,
Com tanta devastação.
A vida vai se complicando,
E assim vai findando, o paraíso no sertão.

É muita beleza natural,
Mas não só isso tem por aqui.
Tem riqueza cultural,
Brotando no Cariri.
Tem cultura popular,
E a festa do pequi.

Tem baião e forró pé-de-serra,
Repente, reizado e romaria,
Coco, cantoria e rabeca,
Se deixar é festa todo dia,
Ao som dos irmão Aniceto,
Como é bonita a melodia.

Alemberg² uma vez disse,
Pra Piúba³ complementar,
Que se não fosse o cariri,
Não existia o Siará.
E se não fosse o Siará,
O Brasil não existia.

² Francisco Alemberg de Souza Lima, o Alemberg Quindins, criador da Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Cariri em Nova Olinda - CE

³ Fabiano dos Santos Piúba, Secretário de Formação, Livro e Leitura do Ministério da Cultura, Secretário da Cultura do Estado do Ceará de 2016-2022

Sem a Chapada do Araripe,
Nem o mundo haveria.
Sem Gonzaga e Patativa,
Nem canto e nem poesia.
E complemento, que sem nossa cultura,
Nem a felicidade existiria.

Isso é só um pedaço,
Das coisas do Cariri.
Se for falar mais eu num paro,
De contar as belezas daqui.
Mas agora vou deixar explanado,
Com esse palavreado, como a diversidade garantir.

A Floresta Nacional do Araripe,
É uma unidade de conservação.
Um tipo de área protegida,
Prevista na Constituição.
Que tem como objetivo,
Seu uso e sustentação.

Seu uso múltiplo é permitido,
Porém se for sustentável.
É uma área de espécie nativo,
Que tem que ser respeitado.
Com muito amor e afinco,
É um manejo adequado.

Nas Unidades de Conservação,
A gestão deve ser compartilhada,
Tanto na sua criação,
Quanto na sua jornada.
Mas há a preocupação,
De não ser efetivada.

A comunidade tradicional,
Do processo é excluído.
Da tomada de decisão,
Do lugar que ta inserido.
Chegando só proibição,
No território por ele vivido.

Na Floresta do Araripe,
Há bioma de Cerrado,
Tem Caatinga e Mata Atlântica,
É mato pra todo lado.
É ali que o extrativista,
Com tudo que tem em vista, vive na lida embrenhado.

É na área de Cerrado,
Que nasce o pequizeiro.
E tem um povo arretado,
Trabalhando o dia inteiro.
Pegando pequi no mato,
E vendendo no terreiro.

O extrativismo do pequi,
Uma atividade tradicional,
Passado de pai pra “ff”,
É algo sensacional.
O Conhecimento da floresta,
Desse povo é sem igual.

Os povos da floresta,
São muito inteligentes,
Conhecendo a ecologia,
De um modo diferente,
Sabendo do cu da jia,
E do veneno da serpente.

Essa comunidade extrativista,
Tem muita inteligência.
Conhecendo a ecologia,
Com muita eficiência.
Observando no dia a dia,
Com muita alegria, a teoria da biociência.

Sabe de climatologia,
Percebe que o mundo mudou,
Pois ta chovendo muito pouco,
E a temperatura aumentou,
Com incêndios mais frequentes,
A mudança climática chegou.

Sem precisar de professor,
O conhecimento é repassado.
Com ajuda do seu avô,
Ou de um vizinho do lado,
Que repassa o que observou,
Em todo seu aprendizado.

A construção do conhecimento,
Está presente na sociedade.
Desde os povos mais antigos,
Chegando na atualidade.
Na cultura e na natureza
Buscando com certeza, a sua integralidade.

Mas com o que se chama de progresso,
E o conhecimento industrializado.
Foi surgindo no mundo moderno
De modo institucionalizado,
O conhecimento científico,
Pelo tecnicismo, o único considerado.

E dessa forma segregou,
Os campos do conhecimento.
Dividindo em disciplinas,
As formas de pensamento.
Trazendo dificuldade, pra toda sociedade,
De fazer conexão, entre seus discernimentos.

Edgar Morin, um estudioso da sociologia,
Citou sobre a necessidade,
De se substituir um dia,
O pensamento que separa,
Que isola e atrapalha,
Por um que unifica.

O conhecimento tradicional,
Esquecido pela academia,
Passando a segregar,
A ciência e a empiria,
A cultura popular,
A festa e a poesia.

Mas dessa forma se busca,
Com muita dedicação,
Com uma ciência contra hegemônica
Uma maior integração
Do conhecimento científico
Com a do povo esquecido, nas quebrada do sertão.

Na conservação da diversidade,
E na agroecologia,
O conhecimento tradicional,
É de grande valia,
Unindo a ciência natural,
A percepção ambiental, a cultura e a folia.

Vou findando de momento
Essa poética inicial
Pra falar com muito atento
Sobre o manejo ambiental
Do extrativismo do pequi
Na Floresta nacional

Parte 2: Cultura, Sabor e Sustentabilidade: Boas Práticas no Extrativismo do Pequi na Floresta Nacional do Araripe-Apodi

Na Floresta do Araripe
Um desafio é lançado
De usar dos seus recursos
Sem sair prejudicado
Tanto o ecossistema
E quem quer por feijão no prato

E pra isso é importante
Pensar na sustentabilidade
Nas boas práticas de manejo
E extrair com racionalidade
O pequi pro sertanejo
Vender com apreço e manter perenidade

Pro manejo sustentável
É importante ter em mente
Que criar gado na chapada
É algo inconsequente
Pode aumentar a queimada
E prejudicar o ambiente

Na área de floresta
O solo é tipo uma esponja
A água que cai infiltra
Percola e sai lá na ponta
Nas nascentes que aflora
A água que a gente toma

Criar gado é proibido
Por causa do pisoteio
O solo da Flona é comprimido
Sem a água infiltrar no meio
O terreno é erodido
E não nasce o pequizeiro

O pequi é um fruto
Que só deve ser coletado
Quando totalmente maduro
E este estado é apresentado
Quando cai no chão seguro
Podendo assim ser apanhado

Mas o pequi mais nutritivo
E com muito mais sabor
O que rende muito mais óleo
É aquele que passou
Três dias caídos no solo
E a maturação completou

Derrubar o pequi do pé
Além de perder a qualidade
Pode danificar a espécie
E diminuir sua produtividade
Comprometendo no futuro
A sua quantidade

Não colha o pequi da planta
Sem sua dinâmica natural
Pois é o que a árvore demanda
E a queda é essencial
Pra quantidade ser tanta
E a renda aumentar

Faça um favor pro pequizeiro
Não cause lesão no galho
Pois pode a planta adoecer
Trazer inseto do brabo
Podendo a planta morrer
A produção encolher, e sair prejudicado

Na coleta do pequi
Fruto com fungo e mordido
Não deve ser apanhado
Tem que deixar ele caído
Pra que os bicho do mato
Se alimente como devido

Dessa forma os animais
Vão dispersando as sementes
Espalhando na floresta
De modo muito eloquente
Plantando em tudo quanto é fresta
Como se fosse uma festa, o pequizeiro eficiente

De acordo com a ciência
A cada dez frutos no chão
Três tem que ser deixado
Para sua difusão
Pode deixar os rachados
Os doentes e os fungados, leva somente os sãos

Veado, gambá e cotia
Vão levar esses caroços
Preservando a ecologia
Cultivando sem remorso
Pra germinar algum dia
Esse fruto de valia, após todos esses esforços.

Ao adentrar na floresta
Use as trilhas implantadas
Pra evitar o pisoteio
Das plantas já germinadas
Sem causar desmatamento
Pra abrir novas entradas

A criação de viveiros
É algo emblemático
Pras mudas de pequizeiros
Pro plantio ser sistemático
Difundindo nesse meio
O pequizeiro adequado

A Floresta Nacional
Tem um plano de manejo
Que dita a regra do local
Pra usar com muito apreço
O recurso natural
Sem prejuízo ao pequizeiro

E tem que ser obedecido
As regras desse documento
Se quiser manter em pé
Com todo seu funcionamento
O ecossistema da floresta
Sem nenhum desmatamento

O conselho gestor é o lugar
De tomada de decisão
De participação popular
De fazer conexão
De medidas elaborar
Em toda reunião

Dessa forma é essencial
Toda sua participação
E o representante local
Levar e trazer informação
Do que é discutido no conselho
Aumentando a interação

Isso é só um pedaço
Dessa nossa discussão
Que tem que ser aprofundado
Com muita participação
Desse povo arreariado
E adequar nossa ação

O trabalho é coletivo
De toda comunidade
Junto ao órgão envolvido
Compartilhar responsabilidade
Com muita confluência
Amizade e paciência, para dar perenidade

Vou ficando por aqui
Com o desafio lançado
De coletar o pequi
Com o manejo adequado
Para a gente conseguir
O desenvolvimento sustentado



Programa de Pós-Graduação

**AGROECOLOGIA E
DESENVOLVIMENTO
TERRITORIAL**



UNEB

UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA



Caerdes